

ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA - RELATO DE EXPERIÊNCIAS DO MONITORAMENTO DE PROFESSORAS(ES) DO 1º E 2º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL.

Cassia Silva Santos Góes ¹
Edemari Conceição Machado Santos ²
Ivete Rodrigues dos Santos Silva ³

RESUMO

O presente artigo aborda a experiência de monitoramento de professoras(es) do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, focando na identificação de práticas pedagógicas que favorecem a alfabetização. Durante os encontros realizados com os docentes, o objetivo foi compreender como suas abordagens contribuem para a aprendizagem das(os) alunas(os). O texto também se fundamenta nos estudos de Ferreiro (2017) e Galvão (1995), além do Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Salvador, que traz um embasamento teórico sólido para as observações e análises feitas. Os encontros foram realizados na semana de 09 a 15/07/2024, no dia da reserva externa de cada participante, no auditório da Gerência Regional Subúrbio 2. Observamos que a troca de experiências e a valorização da prática compartilhada, possibilitaram a construção de novos conhecimentos e ressignificação dos conhecimentos consolidados. Além de promover essa interação entre as professoras e professores, também foi possível desmistificar o papel das coordenadoras de acompanhamento, cujo intuito é apoiar a prática pedagógica da equipe gestora e docente, se colocando à disposição na parceria por uma educação profícua. Descreveremos os encontros, demonstrando como as ações realizadas contribuíram para a melhoria da rotina em sala de aula e alfabetização na idade certa.

Palavras-chave: Monitoramento, alfabetização, professoras/es, prática pedagógica

INTRODUÇÃO

Iniciamos o nosso relato de experiência, contextualizando o nosso fazer pedagógico. Fazemos parte da equipe pedagógica da Gerência Regional Subúrbio 2 e Ilhas, da Rede Municipal Ensino de Salvador⁴. Acompanhamos cotidianamente os processos referentes a gestão escolar, ensinagem, aprendizagem, avaliação e tomada de decisão de trinta e sete escolas. Durante esse acompanhamento percebemos a

¹ Mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade Estadual da Bahia-UNEB, goecassia@yahoo.com.br;

² Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Salvador- UNIFACS, edemarim@gmail.com;

³ Especialista em Educação Especial pela Faculdade de Vitória- FV, etevivanclara@gmail.com

⁴ A Secretaria Municipal da Educação é um sistema de ensino, pois possui Conselho Municipal e o seu próprio Plano Municipal de Educação, entretanto culturalmente ela se denomina Rede Municipal de Ensino.



necessidade de dialogar com as professoras e professores do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental anos iniciais, a fim de compreender o seu fazer, as intervenções metodológicas, desenvolvidas por elas e eles, para que os estudantes aprendam a ler fluentemente, escrevam ortograficamente e produzam textos.

Diante disso, organizamos um encontro semanal, tendo em vista que as professoras e professores têm direito a reserva externa⁵, tempo dedicado a planejamento e/ou formação externa ao ambiente escolar ou mesmo no ambiente escolar.

No período de 9 a 15/07/2024, nos reunimos e recebemos as professoras e professoras em turno e dia compatíveis com a reserva externa delas e deles e desenvolvemos a pauta a seguir:

1. Acolhimento
2. Objetivos- Refletir sobre a prática pedagógica
 - Desenvolver novas estratégias metodológicas
 - Alcançar a meta de alfabetizar 100% dos estudantes
3. Música- Semana que vem- Pitty
4. Questões do convite - Como temos trabalhado a aquisição da leitura e da escrita com as nossas turmas? Quais avanços temos feito?
5. Orientações metodológicas
6. Encerramento - avaliação do encontro

Cada encontro teve duração de 4 horas, organizado numa roda de conversa com apoio de apresentação no Canva, materiais impressos e principalmente dos relatos dos participantes. Em cada fala era explicitado o trabalho das professoras e professores evidenciando a importância desse fazer para a alfabetização na idade certa. Mas, o que significa alfabetização na idade certa? Buscamos responder essa questão.

METODOLOGIA

O trabalho realizado pelas Gerências Regionais, especialmente pela coordenação pedagógica, consiste em monitorar/acompanhar as Unidades Escolares em seu fazer. As coordenadoras de acompanhamento que compõem a equipe, sob a supervisão da

⁵ Ao nos referirmos a reserva externa, nos apoiamos na Portaria nº 251/2015 que estabelece a implantação da reserva de 1/3 (um terço) da jornada de trabalho do professor para realização de atividades complementares.



Coordenadora pedagógica regional, estabelece semanalmente um calendário de visitas técnicas, que inclui a observação da rotina da sala de aula.

A clareza sobre onde chegar e o compromisso com o aprender guiam a busca de soluções e práticas que são diversas. Existe sempre e previamente essa decisão política de valorização da aprendizagem como foco e meta da educação. Em todas as redes, há uma declaração de princípio, dita de diferentes formas, mas com um sentido comum: “Tudo o que fazemos, está direcionado para alcançar nosso objetivo maior- conseguir que os alunos e as alunas aprendam o que têm que aprender no momento em que têm que aprender”. (UNICEF, 2010, P.18)

Sendo assim, temos clareza de que o nosso trabalho tem importância, uma vez que identifica boas práticas pedagógicas e as valoriza, bem como identifica práticas pedagógicas fragilizadas incentivando a ressignificação das mesmas, a fim de contribuir para que a aprendizagem ocorra no momento em que as crianças têm que aprender.

Constatamos ao observar as aulas das professoras e professores do 1º e 2º anos, que se fazia necessário reunir essas e esses profissionais, para que a interação permitisse a troca de experiência. Também por compreender que existem diálogos entre colegas que são mais fluidos em ambientes diferentes da sala de aula, pela proximidade entre os pares e o tempo para discorrer sobre a sua metodologia, sem estar em interação com as/os estudantes.

Assim surgiu a organização do encontro de professoras e professores, no dia da reserva externa com o objetivo de compreender como suas abordagens contribuem para a aprendizagem das(os) alunas(os).

A proposta foi organizada de forma dinâmica e o convite para a participação foi bem recebido pelas gestoras escolares, assim como pelas professoras e coordenadoras pedagógicas.

Tendo em vista que a observação em sala de aula foi o ponto de partida para organização desse encontro, trouxemos recursos observados nas escolas acompanhadas. Dentre os recursos, salientamos que a relação de afetividade entre docentes e estudantes é necessária para que a aprendizagem se desenvolva.

De acordo com Galvão (1995) “ a pessoa é vista como o conjunto funcional resultante da integração de suas dimensões, cujo desenvolvimento se dá na integração do seu aparato orgânico com o meio, com predominância social. A afetividade é o fator preponderante na construção do conhecimento, pois segundo ele duas funções básicas constituem a personalidade: afetividade e inteligência.



Nesse sentido o nosso encontro foi iniciado com o compartilhamento da experiência das coordenadoras de acompanhamento e da regional na rede municipal, uma vez que dessa forma a relação afetiva se estreita, ao perceber que são colegas, que vivenciaram o fazer pedagógico que estão conduzindo o diálogo do encontro. Os vínculos afetivos contribuem para o desenvolvimento da inteligência.

Cabe-nos registrar algumas falas compartilhadas:

- Ah, conversas entre colegas, me deixa à vontade. (Professora 1)
- Eu não te conhecia direito, mas agora que estou ouvindo sobre sua história me identifiquei. (Professora 2)
- Estou um pouco apreensiva com o encontro, mas quero aprender. (Professora 3)
- Eu achava que as coordenadoras de acompanhamento tinham o papel de fiscalizar nossas salas de aula. (Professora 4)

Em seguida, apresentamos três objetivos e o último deles causou reações tensas entre alguns participantes:

1. Refletir sobre a prática pedagógica;
2. Desenvolver novas estratégias metodológicas;
3. Alcançar a meta de alfabetizar 100% dos estudantes.

Iniciou-se um burburinho na sala: Como alfabetizar 100% dos estudantes? Eles vem sem base. De qual documento saiu essa meta? Não conseguirei alfabetizar 100% da turma. Salientamos que todo docente, quando entra em sala tem a intenção de conseguir 100% de aprendizagem para seus alunos, neste sentido compreendemos que “o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social.” (FERREIRO, 2015). Assim, além do ambiente familiar, a escola representa esse ambiente social. Pelo seu aspecto social, o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas do indivíduo. Logo, a alfabetização na idade certa é para todas as crianças.

Após o período de maturação da meta estabelecida no objetivo, houve um consenso dos participantes de que a meta não é impossível de ser alcançada, considerando que todas e todos são capazes de serem alfabetizadas (os).

Para descontrair, da mesma forma que observamos na rotina da sala de aula, ouvimos a Música de Pitty, “Semana que vem”, e em seguida refletimos sobre os ritmos na aprendizagem, e a esperança de que na semana seguinte tudo vai melhorar, que conhecimentos serão construídos, como nos afirma WEISZ(1999, p.24):



o conhecimento se constrói na relação da ação-reflexão do aprendiz, esse aprendiz é compreendido como alguém que sabe alguma coisa e que diante de novas informações que para ele fazem sentido, realiza um esforço para assimilá-las. Ao deparar com questões que a ele se colocam como problema, depara-se também com a necessidade de superação e o novo conhecimento aparece como resultado de um processo de ampliação, diversificação e aprofundamento do conhecimento anterior que ele já detém.

Logo após esse momento de deleite, nos dedicamos em responder duas questões norteadoras:

Como temos trabalhado com a questão da leitura e da escrita em nossas turmas? Quais avanços temos feito? As respostas foram diversas:

- “Eu faço a leitura de histórias todos os dias e atividades de escrita”. (Professora 4)
- “Trabalho muito com a escrita dos nomes, eles vêm do G5 sem saber escrever o próprio nome.” (Professora 5)
- “Trabalho com alfabeto móvel e diversos materiais. A maioria dos meus alunos estão lendo.” (Professora 6)
- “Eu gosto de trabalhar com quadrinhas, listas e ditado. Tem funcionado.” (Professora 7)

Os relatos comungam com o que trata o Referencial Curricular Municipal para os Anos Iniciais.

A escola é um espaço de formação para o exercício da cidadania. Considerando que, hoje, o mundo se comunica por escrito, é perfeitamente defensável a ideia de que a escola é responsável pela formação de leitores competentes para a participação social. (Salvador, 2017, p.37)

Além deste documento, perpassam também, pelos Cadernos Nossa Rede, construídos coletivamente com as professoras e professores. Este material se constitui em materiais base do trabalho pedagógico. Além dos livros do Programa Nacional do Livro Didático, literaturas infantis. E os ambientes Virtuais de Aprendizagem - Ava e Tech4kids.

Ainda sobre a importância da cultura do escrito, percebemos que as professoras constroem um ambiente alfabetizador com exposição do alfabeto, dos numerais, a lista de nomes da turma e suas produções na sala de aula, também disponibilizam jogos matemáticos, livros, revistas e gibis para as crianças interagirem.

Quando não sabemos escrever uma palavra geralmente recorremos a internet, no caso das crianças o ambiente alfabetizador funciona para quem está aprendendo a ler e escrever, como ambiente similar de pesquisa. Ao dar suporte para que as crianças façam



suas pesquisas pelas paredes da sala e em outros materiais, elas podem, de maneira autônoma, pesquisar e descobrir a grafia de uma palavra, elas aprendem a aprender. Conforme nos afirma Ferreira (2015, p. 25).

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas, as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam.

Assim, alfabetizar na idade certa é uma responsabilidade social, afinal a criança só faz sete anos uma vez, sendo essa fase crucial para o desenvolvimento escolar e cidadã da criança.

No sentido de orientar o fazer pedagógico a fim de enriquecer o trabalho realizado pelas professoras e professores, buscamos ao final do encontro apresentar os materiais disponíveis para auxiliar o trabalho em sala de aula. Dentre os materiais apresentados estavam:

1. Referencial Curricular municipal para os anos iniciais do Ensino fundamental, documento que contempla os princípios da educação municipal, os pressupostos teórico-metodológicos das práticas pedagógicas, a concepção das áreas do conhecimento e as aprendizagens esperadas para cada disciplina, a função pedagógica da avaliação do ensino e da aprendizagem, e a formação continuada dos educadores.
2. Cadernos Nossa Rede: são dez cadernos pedagógicos destinados aos estudantes do 1º ao 5º ano, cinco de Língua Portuguesa e cinco de Matemática, dez volumes para os professores. Esta produção se realizou com a escuta das vozes dos educadores, por meio de Grupos de Trabalho e da plataforma virtual, e considerou a identidade e a autonomia da rede municipal como protagonistas do projeto político-pedagógico. Destacam-se, nesse sentido, três características dos cadernos: a adequação pedagógica e didática às identidades educacionais e culturais de Salvador, a atenção às demandas de aprendizagem dos estudantes e a inovação pedagógica com referências da legislação e das pesquisas didáticas.
3. AVA- Ambientes Virtual de Aprendizagem e Plataforma Teck4kids - consiste num ambiente virtual de aprendizagem, com ferramentas de gamificação que auxilia professoras(es) e estudantes.



Ao apresentarmos os materiais, reiteramos a importância do planejamento, para execução de boas aulas e elaboração de boas perguntas, tendo em vista que o estudante chega ao conhecimento através dos questionamentos que faz e a professora(or) consegue estimular reflexões importantes na(o) estudante quando pergunta com intencionalidade.

Ao fazer isso, o professor provoca desequilíbrios que auxiliam um aprendizado mais reflexivo e crítico, ou seja, gerado com a participação direta da(o) estudante. Neste fazer estão presentes dois aspectos importantes para a aprendizagem: a metacognição e a relação afetiva com o conhecimento. A metacognição permite ao aluno refletir sobre como ele aprende, controlando e organizando seus processos mentais. Paralelamente, a relação afetiva com o conhecimento representa o laço emocional que o estudante constrói com o conteúdo, influenciando sua motivação e interesse na aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Elencamos como resultados a taxa de participação dos professores nos encontros. Tivemos 87% de frequência. Além disso, durante os encontros foram compartilhadas práticas pedagógicas que trazem intervenções pedagógicas consistentes, que contribuem para aquisição da leitura e da escrita das (os) estudantes.

Dentre os participantes foi possível identificar três professores com dificuldades para planejar e executar ações que contribuíssem para a alfabetização. Para apoiá-las passamos a fazer monitoramento mais frequentes nessas turmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre a práxis pedagógica é o ponto de partida para a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem. Foi baseada nessa premissa que organizamos os encontros com professoras e professores do 1º e 2º ano. Durante os encontros oportunizamos a escuta, o compartilhamento de saberes e fazeres, a fim de que cada participante tivesse a oportunidade de revisitar a sua prática, identificar as ações que estavam dando resultados e ressignificarem as ações que não eram pertinentes.



Nesse sentido, os encontros também nos fizeram refletir sobre o monitoramento e de que forma poderíamos organizar a nossa prática, a fim de melhor auxiliar as professoras.

A troca de experiências contribui para ampliar o repertório dos professores e fortalece a aprendizagem colaborativa. Se queremos que nossos estudantes se tornem aprendizes colaborativos, é fundamental que nós, educadores, também pratiquemos essa colaboração entre colegas.

Desta forma, entendemos que organizar encontros com o objetivo de escutar nossos pares e compartilhar a prática pedagógica, se faz necessário para reconhecer e valorizar os saberes.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, EMILIA. Alfabetização em processo. - 21. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GALVÃO, IZABEL. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 1995. 135 p.

SALVADOR. Referencial Curricular municipal para os anos iniciais do ensino fundamental. Secretaria Municipal de Educação. 2017.

WEISZ, TELMA. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

UNICEF. Caminhos do Direito de Aprender: boas práticas de 26 municípios que melhoraram a qualidade da educação. Brasília, DF: UNICEF, 2010.

